



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional

Submissão: 30/06/2024 | Aprovação: 30/07/2024



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/16543>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.16543>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 95-106



INTERDITOS DO CORPO, DO PRAZER E DA LIBERDADE NA LAVOURA ARCAICA

PROHIBITIONS ON THE BODY, PLEASURE AND FREEDOM IN ANCIENT TILLAGE

Raphael Bessa FERREIRA  

Universidade do Estado do Pará – UEPA (Brasil)¹

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de analisar o romance *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar, tendo como mote de discussão as questões ligadas às formas simbólicas em que o poder instituído privilegia o modo operacionalizante da exclusão e opressão do ser, tanto no que diz respeito à liberdade de expressão – no que tange à ausência de debate/diálogo dos discursos e ideologias contra hegemônicos – quanto aos desejos dos corpos, oprimidos de suas particularidades sensório-afetivas mediante uma não permissibilidade da libido e do prazer. De modo a dar conta de tais discussões, elenca-se como referencial teórico para a pesquisa os pressupostos de autores tais como Freud (2014), Agamben (2006; 2017a; 2017b; 2018) e Ferreira (2012; 2017), ancorando-se no pressuposto de que o romance dialoga com o contexto de sua publicação no Brasil à época, pós-AI5 do período ditatorial, mundo circunscrito a um alto teor de violência-violação de direitos e de liberdade.

Palavras-chave: Raduan Nassar. *Lavoura Arcaica*. Poder. Tradição. Opressão.

Abstract: This paper aims to analyze the novel *Ancient Tillage* (1975), by Raduan Nassar, having as a theme for discussion the issues related to the symbolic forms in which the established power privileges the operationalizing mode of exclusion and oppression of the being, both with regard to freedom of expression – regarding the absence of debate/dialogue of counter-hegemonic discourses and ideologies – and the desires of bodies, oppressed of their sensory-affective particularities through a non-permissibility of libido and pleasure. In order to account for such discussions, the theoretical framework for the research is the assumptions of authors such as Freud (2014), Agamben (2006; 2017a; 2017b; 2018) and Ferreira (2012; 2017), anchored in the assumption that Nassari's text metaphorically dialogues with the context of its publication in Brazil at the time, post-AI5 of the dictatorial period, a world circumscribed by a high level of violence-violation of rights and freedom.

Keywords: Raduan Nassar. *Ancient Tillage*. Power. Tradition. Oppression.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto II (TIDE) da área de Literatura do Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará (UFPA). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (PPGELL/UEPA). E-mail: ru-98@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Lançado há quase cinquenta anos, o romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, apresenta muitos questionamentos acerca dos aspectos políticos, tanto de sua época quanto no contexto da contemporaneidade, em tecido narrativo permeado por um estilo barroco, tendo em sua escrita a configuração de capítulos dispostos em único parágrafo, com um encadeamento sintático que prima pelo uso de orações subordinadas, e plasmando em discurso ficcional um grande leque de construções metafóricas. Graças a tais características, sublinha-se a prosa poética como tônus da obra.

Ademais, destaca-se que *Lavoura* expressa em seu tecido narrativo uma gamade elementos ideológicos da cultura do Médio Oriente, tornando-se nada menos do que uma obra formada por um imenso palimpsesto de textos sagrados das culturas monoteístas do judaísmo, como o intertextco com o *Tanakh* e o Velho Testamento; o Novo testamento cristão; e as Suratas corânicas do islã (Ferreira, 2017). A obra de Nassar se mostra imbuída dos arquétipos e valores moralizantes de uma cultura patriarcal oriunda desses povos.

Além disso, o texto enseja diálogo intertextual ao problematizar as tensões provenientes do processo de formação do homem no ocidente, bem como a criticar determinados contornos ali imbuídos. No intuito de profanar o sagrado e sacralizar o profano, como já pontuado em Ferreira (2012), as camadas pautadas no plano de conteúdo do romance em questão trazem à tona um teor crítico da filiação da obra, inaugurado pelos arcaicos caracteres hebraicos, os precursores das histórias e dramas, que, como pustula Sedlmayer, (1997, p.51), pertencem “muito mais ao tronco literário do que à narrativa mitológica dos gregos”.

Assim, pode-se contar que há, de fato, na obra uma gama de vozes que é herdeira de um sentimento primevo do homem, próprio das culturas agrárias, de forte pertencimento ao solo, cuja égide paira sob o cultivo da terra. Este sentimento de constante aglutinação ao seio familiar, contudo, é perpetrado pelo poder único ali constituído, de viés repressor, cujo cerne é a figura paterna, tendo como o detentor da ordem o “pai da horda primeva”. Tal tradição corrobora àquilo que Nejar chama de um “sentimento incestuoso e interdito” que se faz subjacente ao enredo da obra nassariana, no qual se nota a presença de um “coro de ancestralidade, em prosa alegoricamente poética” (Nejar, 2011, p. 911).

Desta feita, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o romance *Lavoura Arcaica* (2005), de Raduan Nassar, tendo como mote de discussão as questões ligadas às formas simbólicas em que o poder instituído, ainda que de forma primitiva, privilegia o modo operacionalizante da

exclusão e opressão do ser, tanto no que diz respeito à liberdade de expressão, no que tange à ausência de debate/diálogo dos discursos e ideologias contra hegemônicos; quanto dos desejos dos corpos, oprimidos de suas particularidades sensório-afetivas mediante uma não permissibilidade da libido e do prazer.

Toma-se como questão a ser desvelada na pesquisa aqui imbricada a hipótese de que o romance de Raduan Nassar é obra de resistência ao contexto de sua época por conseguir jungir forças simbólicas da relação entre poder, opressão e normatividade em seu plano de conteúdo, como também ao promover uma transa do prosaico ao poético em seu estilo, ou em seu plano expressivo, que coaduna em si um ato de criação único, que se faz enquanto potência ao profanizar a língua, ao reelaborar os recursos advindos desta, e, ao mesmo tempo, sacralizar um ato de escrita. No dizer de Agamben, “a potência que o ato de criação libera deve ser uma potência interna ao próprio ato, como interno a este deve ser também o ato de resistência. Só assim a relação entre resistência e criação e entre criação e potência se tornam compreensíveis” (Agamben, 2018, p. 62).

De modo a dar conta de tais discussões, elencam-se como referencial teórico para a pesquisa os pressupostos teóricos de autores, tais como Agamben (2006; 2017a; 2017b; 2018), Foucault (2013) e Giacoia Jr. (2018), bem como na fortuna crítica nassariana, a partir da leitura de autores tais como Ferreira (2009; 2012; 2017), Miranda (1996), Nunes (1983) e Sedlmayer (1997).

Ancorando-se no pressuposto de que o texto nassariano dialoga metaforicamente com o contexto de sua publicação no Brasil, pós-AI5 do período ditatorial, e que inúmeras temáticas moralizadoras advindas dos palimpsestos sacros da tradição judaico-cristã-islâmica são plasmadas no enredo da obra, parte-se da hipótese de que o objeto de estudo coloca em tensão um mundo circunscrito a um altoteor de violência-violação de direitos e de liberdade ante a um universo que se quer contrário, ou em trânsito de construção de uma nova forma de vivência do ser, pautado em uma releitura, e mesmo contra leitura, da cultura hegemônica tradicional ancestral.

O INTERDITO DO JARDIM DA DELÍCIAS – O EMBATE DE FORÇAS NA LAVOURA

Em já célebre estudo sobre *Lavoura Arcaica*, o crítico paraense Benedito Nunes sublinhou o teor intertextual da herança literária sacra do Oriente Médio no texto de Raduan Nassar:

Com a inclusão de uma composição plena, que tomando como modelo a parábola bíblica do Filho Pródigo, preenche-a com os múltiplos nexos conflitivos da vida familiar a forma da história aí inseparável da forma da linguagem, no ritmo da paixão incestuosa do personagem-narrador, e que se abre para uma visão trágica do mundo (Nunes, 1983, p. 66).

Ora, se este aspecto intertextual se mostra explícito no tecido narrativo de *Lavoura Arcaica*,

seja em seu estilo ou em seu plano conteudístico, pode-se compreender que tal artifício é mote caracterizador de um diálogo com uma cultura e tradição antiga, de alto teor sapiencial e moralizador no que tange à disciplinarização da conduta do homem em sociedade.

As lições do personagem do pai, Iohaná, à mesa, que ressoam os textos abraâmicos, mostram-se como homenagem aos ecos ancestrais vistos na cultura das três grandes religiões monoteístas, mas, ao mesmo tempo, mostram-se também figura retórica questionadora, via recurso da paródia, dos mesmos preceitos e tradições sapienciais.

Não por acaso, se à figura de André, narrador-personagem, se opõe a figura paterna, Iohaná, o pai opressor, cuja égide é perpetuar os ensinamentos acerca da tradição e dos valores da relação do homem com o tempo, do homem com a família, do homem com a vida e com a natureza e Deus, pode-se constatar na obra certo tom questionador à ordem estabelecida.

Em dado momento da narrativa, André afirma:

Meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem, desenvolvendo seu espírito e aprimorando sua sensibilidade; ele dava a entender que quanto maior fosse a dor tanto ainda o sofrimento cumpria sua função mais nobre; ele parecia acreditar que a resistência de um homem era inesgotável (Nassar, 2005, p. 171).

98

A fuga às ideologias impostas pelo pai à mesa mostra a rebeldia do filho pródigo, a ovelha desgarrada que, no primeiro momento da trama, em “A partida”, se mostra já fora de casa e em busca de seu espaço, em querer criar sua própria religião. Os sermões paternos têm como eixo de discussão a própria coerção da liberdade do outro pelo trabalho incessante, pelo castigo, pela constituição de um temor àqueles que transgridem as normas e as regras pré-estabelecidas.

A esta visão de mundo opressora dos discursos contraditórios e questionadores à ordem constata-se uma representação de dois mundos em conflito: a vida destituída de liberdade, na qual as paixões são mais bem expressas, tornando-se até explícitas; e o mundo enquanto lugar do poder que exaure as forças da liberdade. Esse aspecto coercitivo do espaço e das vontades do outro naturaliza e banaliza a violência e uma falta de alteridade, colocando aquele que se contrapõe à ordem no lugar de inimigo, opositor. Como afirma André: “Estranho é o mundo, pai, que só se une de desunindo” (Nassar, 2005, p. 75).

Os problemas da relação pai e filho, em detrimento de um forte patriarcalismo, resvalam na questão da união familiar, do trabalho ao solo, na lavoura, à união da família na mesa durante a refeição e dos sermões em agradecimento pela colheita, sustento que é fruto do trabalho. Nesse mundo de valores captados da tradição e herança judaico-cristã ocidental, Nassar afirma, em entrevista, que “Seja como for, talvez a gente concorde nisso: nenhum grupo, familiar ou social, se

organiza sem valores; como de resto, não há valores que não gerem excluídos” (Nassar, 2001, p. 45).

A partir deste ponto fulcral é que se pode questionar: não seria a obra *Lavoura Arcaica* também uma representação, ou mesmo uma alegoria, do embate do homem diante da sociedade civil, dos direitos, normas e convenções sociais estabelecidas, masque se mostram, contudo, excludentes a muitos no que tange às suas liberdades? Qual seria o limite das noções do permissível aos direitos do homem? O questionamento de André, sua fuga e posterior retorno, e o confronto com o pai não traria em si a semente da constituição de um ethos que quer ser pertencente ao mundo em suas relações com os outros? A vigência de um poder instituído não refletiria a opressão e a burocracia de uma estrutura ancestral formada por dispositivos que deixam o homem em situação de exceção?

Ora, se compreendermos que André foge de casa porque se é prisioneiro, tal dramatização reflete nada menos do que a busca por uma liberdade que não há na casa e em seio familiar. Se no discurso moralizador do pai se torna nítida uma diferença entre o normal e o anormal, já em André se pode observar que o mundo das paixões é o mundo possível de habitação, de transgressão e de felicidade, corroborando e mesmodialogando com o conteúdo da epígrafe de *Lavoura Arcaica*, extraída de *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima: “Que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, seu viço e constância?” (Nassar, 2005, p. 05).

No trecho a seguir, fica clara a rebeldia e crítica diante dos desmandos paternos que André expõe de forma combativa

Não aguento mais esta prisão, não aguento mais os sermões do pai, nem o trabalho que me dão, e nem a vigilância do Pedro em cima do que faço, quero ser dono dos meus próprios passos[...] quero conhecer também os lugares mais proibidos, desses lugares onde os ladrões se encontram, onde se joga sóa dinheiro, onde se bebe muito vinho, onde se cometem todos os vícios, onde os criminosos tramam seus crimes; vou ter a companhia de mulheres, quero ser conhecido nos bordéis e nos becos onde os mendigos dormem (Nassar, 2005, p.178).

Mediante isso, é mister concordar com o pensamento de Miranda (1996, p. 428), para quem a obra pode ser tomada como uma “densa retomada da parábola do filho pródigo, através do discurso de uma memória convulsiva, de ressonâncias bíblicas e islâmicas, que se compraz no gosto e no gozo da palavra erotizada e se opõe à palavra ‘econômica’ do pai-Estado homicida”.

E a voz de André toma aqui a força do elemento lógico originário. Da voz que, para Agamben, é

também, para a metafísica, o elemento ético originário: a liberdade, a outra voz e a outra morte a Voz da morte, poderíamos dizer, para exprimir a unidade de sua articulação -, que faz da linguagem a nossa linguagem e do mundo o nosso mundo e constitui, para o homem, o negativo fundamento do seu ser livre e

falante(Agamben, 2006, p. 119).

A normativização da vida, perpetrada pelas ideologias do pai, expõe uma soberania quanto às decisões da vida dos outros, agora subalternizados. Tal característica é fundamento último do poder político que normaliza e normatiza a vida. A exceção dos direitos da liberdade do outro mostra o paradoxo da própria existência, já que há e não há direito ao cidadão. Daí André querer criar sua própria religião, o seu “quarto catedral” (Nassar, 2005, p.05).

A tradição do médio oriente, modelo antigo de trabalhar na lavoura, labor arcaico, lembra o passado tradicionalista em meio rural, que a trama subjaz à família em cuidado com a terra, no cultivo na lavoura e na aproximação de seus membros à mesa e nas festividades em celebração à colheita, fruto do trabalho familiar. E a este mundo da razão deverá surgir o mundo da paixão:

Eu disse cegado por tanta luz tenho dezessete anos e minha saúde é perfeita e sobre esta pedra fundarei minha igreja particular, a igreja para o meu uso, a igreja que frequentarei de pés decalços e o corpo desnudo, despido como vim ao mundo, e muita coisa estava acontecendo comigo pois me senti num momento profeta de minha própria história” (Nassar, 2005, p. 88)

100

O incesto, a zoofilia, a bebedeira, o ócio e tudo o que é interdito, mas que consome a alma do narrador-personagem, André – o ambientando a sempre estar à margem da figura paterna e dos preceitos de ordenamento do mundo conforme visão opressora dos desvios –, é o mote da narrativa. Na quebra dos tabus haverá a quebra dos paradigmas e a ruptura com a ordem vigente. À estrutura familiar e social opõe-se André, a ovelha desgarrada. A ordem traveste-se de desordem, e nesse constante ciclo dialético, de pura carnavalização do mundo, em que o corpo se torna sacro, o que antes era interdito passa a não ser mais exceção, erigindo um novo mundo: foge-se do sistema opressor e das agruras que cerceiam a vida em sua plena vivência de liberdade.

O espaço da casa em *Lavoura Arcaica* também adquire uma dimensão simbólica importante. A casa, como espaço de ordem e tradição, representa o domínio do poder soberano e o local onde os interditos e tabus são mais rigidamente impostos. Os espaços de exceção, segundo Agamben (2017a), são aqueles fora do controle direto do poder soberano, são locais onde novas formas de vida podem emergir. A figura totêmica do poder soberano é manifestada na caracterização do pai, Iohaná, que tem a capacidade de decidir sobre a vida e a morte, uma prerrogativa que se manifesta claramente não apenas na regulação do comportamento dos filhos, mas também na determinação dos limites do aceitável e do tabu, criando uma dinâmica de inclusão e exclusão que é central para a trama do romance.

Esse pai-Estado homicida, do qual fala o autor, é aquele que Freud (2014) via nas narrativas míticas como o ser que se ressentia de estar à sombra do filho, posto que este iria castrar o genitor,

conforme descrito na clássica trama do assassinato do pai e analisada em “Dostoiévsky e o parricídio”. O pai, que aqui significa o Estado, a Lei e a Ordem, não se quer ameaçado. Daí a perpetuação de códigos de conduta que não promovem o debate das ideias que transgridem sua ordem vigente. Segundo Agamben, o que define o poder estatal “não se funda, em última instância, em uma vontade política, mas na vida nua, que é conservada e protegida somente na medida em que se submete ao direito de vida e de morte do soberano (o da lei)” (Agamben, 2017a, p. 15)

Sob tal aspecto, pode-se ler *Lavoura Arcaica* como uma obra política, acima de tudo. A existência do ser humano pauta-se na busca pelo seu livre arbítrio e a exceção deste se pauta ainda na discussão do confronto entre legal/ilegal, legítimo/ilegítimo, normal/anormal, humano/desumano. Todas as questões concernentes aos problemas de ética e de direito.

Ainda que lançado em 1975, no auge da ditadura militar brasileira, *Lavoura Arcaica* apresenta conceitos complexos do desatino da ordem e da exclusão do outro. Não por acaso, a violência é muitas vezes exposta na obra, ainda que de forma elíptica, pelos castigos e pelos interditos, pelos proibitivos. Tais recursos são nada menos do que partes constitutivas de um aparato que abole os direitos da liberdade e sentencia o sujeito a uma nulificação total de direito à vida, pondo-o em uma zona de exclusão.

Para Agamben (2017a), os tabus servem para demarcar os limites da comunidade e proteger a ordem social. Ao desafiar esses tabus, André e Ana, a irmã incestuosa, expõem a fragilidade dessas fronteiras e questionam a validade das normas que regulam o desejo e a sexualidade. Esta transgressão é uma forma de resistência contra a opressão e a tentativa de estabelecer uma nova ordem baseada na autenticidade dos sentimentos humanos.

Lavoura Arcaica traça o momento de transição da humanidade para a era moderna, em que pese o protagonismo dos corpos como um dos principais meios instrumentalizados para o exercício do poder, que passa a interagir no seio social não mais apenas através de coerção física, dos castigos corporais e dos interditos legalistas sobre o corpo de outrem, cujas práticas tendem a disciplinar o uso dos corpos. O personagem de Iohanná consolida o o acordo entre a normatização sobre o eros no tecido familiar, análogo ao meio social gregário vigente.

Iohaná, pai e símbolo fálico, representativo de um poderio atuante, afirma isso no seguinte trecho: “Já basta de extravagâncias, não prossiga mais neste caminho, não se aproveitam teus discernimentos, existe anarquia no teu pensamento, ponha um ponto na tua arrogância, seja simples no uso da palavra!” (Nassar, 2005, p. 166).

A “palavra”, aqui, deve ser entendida como força que elucida o *ethos*, como manifestação do ser

em sua habitação com os outros, na morada do homem. A “palavra” mantém viva a experiência do ser na história, fazendo com que este se revele justamente no *ethos*. Afinal, o ser que habita o mundo é revelado pela palavra (Giacioia Júnior, 2018). Daí André representar esse embate semântico pelo teor da palavra “amor” em *Lavoura Arcaica*, posto que, a seu ver, o “amor” propagado pelo pai, de viés redentorista (*ágape*), diverge de uma concepção libidinal (*eros*) vislumbrada pelo narrador do romance.

André consoma a atitude de resistência dos corpos em espaços de disputas de poder. A rebelião dos corpos contra as forças normativas é o desafio dos seres diante do poder estabelecido. O romance traça a rota de uma sociedade rural, pré-industrialização e de âmbito estritamente rural-coletores, para o modo de vida tecnológico, em que a inovação se apresenta como *modus* desenvolvimentista. As “tecnologias do corpo” se estendem para a moldura de métodos que visem ampliar a eficiência do corpo em prol de uma produtividade. O capital é a engrenagem de todo esse motor de vida na era moderna.

O protagonista do romance exemplifica a profanação a partir da condição de saber se apropriar da “palavra” em seus mais diversos “semas”, reutilizando criativamente os modos de uso da língua, imbricando novas formas de romper com o *status quo* vigente, desagregando a forma de pensar e agir propagado pelo *stablishment*. Reapropriar-se do dispositivo da comunicação, da língua em suas modalidades enunciativas, é amparar-se em artificializar, ou tornar tecnologia (*techné*), o referente, o código. André, portanto, subverte as estruturas de controle, desafiando a vigilância, daí sua fuga ao reapropriar-se do dispositivo linguageiro, veículo relacional entre os seres e que pode, deve e é apropriado para fins de disputa e tomada de poder.

Para Agamben (2017b, p.79), a vida moderna, marcada pela consolidação do modo de produção capitalista, não detém somente a expropriação da atividade produtiva, mas também, “e, sobretudo, à alienação da própria linguagem, da própria natureza linguística e comunicativa do homem, daquele *logos* no qual um fragmento de Heráclito indentifica o Comum”. Isto é, nas línguas modernas o léxico tende, gradualmente, a tornar opaco os semas de seus referentes, profanizando-os, portanto, à medida que, desnudada de sua manifestação semântica originária, a palavra ganhe novos contornos, revelando-se um caráter da vida nua.

A abertura do homem no *ethos* pela palavra liberta para a força do espírito dionisíaco da vida (Ferreira, 2009). A identidade libertária é expansiva e contrária à opressão. Ao mundo das paixões se impõe uma natureza muito mais ativa do que aquela propagada pela tradição do Médio Oriente, constitutiva da cultura mediante o Tabu, o interdito, o proibitivo imposto à convivência do ser em

seu pacto em sociedade, com os outros membros da *polis*. O adoecimento psíquico, marca da constituição da sociedade e da cultura no homem, solapando a vontade de potência do homem que “experimenta continuamente uma repressão de seus impulsos ativos” e “como esses impulsos não somem, é inevitável que haja um conflito entre uma moral homem que uma moralque reprime e a nossa vontade de potência, que quer expandir-se” (Ferreira, 2009, p. 44).

A criação literária de *Lavoura Arcaica* revela um jogo ambíguo e dubio entre o ato de criar (*poiesis*) e a resistência enquanto potência da vida a pulsar (*techne*), daí o romance possuir um estilo de uma prosa poética, cuja narrativa flerta com a poesia. Tal operação, planejada artisticamente pelo escritor, manifesta-se “em desativar as funções comunicativas da língua, a fim de abrí-la para um novo uso, a poesia é aqui pensada como exibição da potência do dizer: isto é, é dada à palavra um novo e possível uso da linguagem” (Santurbano; Peterle, 2018, p.14). Pode-se corroborar esta assertiva com base no seguinte trecho, que descortina em *Lavoura Arcaica* o fenômeno transicional da prosa à poesia:

Pai!
e de
outra voz, um uivo cavernoso, cheio de desespero

Pai!
e de todos os lados, de Rosa, de Zuleika e de Huda, o mesmo gemido
desamparado

Pai!

eram balidos estrangulados

Pai! Pai!

onde a nossa segurança? onde a nossa proteção?

Pai!
e de Pedro, prosternado na terra

Pai!

e vi Lula, essa criança tão cedo transtornada, rolando no chão

Pai! Pai!

onde a união da família?

Pai! (Nassar, 2005, p. 192)²

Observa-se que o trecho revela a quebra do paradigma da função referencial da linguagem, que se transmuta, pela função poética, em poesia. O código passa a voltar-se não mais para a mensagem em sua decodificação referencializada, mas para si mesmo, para as configurações internas que entram em choque, pondo em evidência o pensamento que se desfaz em poesia, em arte. A quebra das palavras da frase, a interlocução sugerida com uma construção similar à disposição de versos na página, o uso do espaço em branco da página e mesmo a pontuação dão

² A disposição gráfica da citação segue o mesmo padrão do formato presente neste trecho do romance na primeira, segunda e terceira edição de *Lavoura Arcaica*.

cabo de proporcionar ao leitor uma experiência estética.

O trecho expressa o enfrentamento ao uso “utilitário” da linguagem, da palavra em sua configuração de suficiência, para descortinar uma insuficiência do referencial, a negação da prosa e o fundamento da mensagem em uso denotativo. Surge, assim, o poético, que concebe a heterogeneidade da linguagem em suas características insurgentes, que definirá não mais uma linguagem prática, cotidianizada, prosaica, mas, sim, uma linguagem carregada de valores nocionais, cuja égide é a experiência do belo, em efeito sinestésico (*aisthesis*). Segundo Giorgio Agamben, a palavra ocidental é dividida entre uma palavra “inconsciente e como que caída do céu, que goza do objeto do conhecimento representando-o na forma bela, e uma palavra que tem para si toda a seriedade e toda a consciência, mas que não goza de seu objeto porque não o consegue representar” (Agamben, 2007, p. 12).

A crise da representação tão balizada pelos modernos é mote articulador para o confronto interno entre pai e filho na *Lavoura Arcaica*, que, não por acaso, ainda é arcaico (*arkhé*), em que pese a afinidade do primevo e ancestral do homem, pautado no ato máximo e sacralizador da vida e das coisas de sua existência: o ato de criar, de nomear e de definir o que está ao seu redor. O labor, ou o lavourar da língua, é fazer plasmar na linguagem aquilo que tende a igualar o ser humano à natureza (*phýsis*): a criação (*poiésis*), angariando a *aisthesis* à *techné* para devassar em seu enredo formas simbólicas pelas quais os seres, em diálogo constante, podem e devem sublevar o código linguístico para combater ideologias e pensamentos opressores, não democráticos e que intencionam a ausência de vozes díspares, dissonantes, com a tônica de direcionar os modos de pensar, ser e agir na sociedade.

Lavoura Arcaica reflete acerca dos modos de subvenção e sobre as formas de resistência possíveis diante dos mecanismos de opressão do ser, da liberdade e do uso dos corpos, propondo a profanação como potencial estratégia na recuperação da autonomia do homem e da sociedade em um mundo cada vez mais controlado e controlador, qual a realidade mundividenciada não apenas no plano do enredo da narrativa (o mundo arcaico atemporal), como também no contexto de época do Brasil dos anos 70 do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de considerações finais, destaca-se a possibilidade de interpretar *Lavoura Arcaica* como uma narrativa permeada daquilo que Foucault analisou em seu conceito da biopolítica (2013), ou seja, quando o homem deixa de ser indivíduo a viver plenamente seus poderes à medida que

perde sua autonomia. A falta de consciência dos demais membros da família, inclusive a figura materna, demonstra não só convivência com o regime patriarcal, detentor da “palavra” originária (a Lei), como a perda dos direitos de todos, o que acaba conduzindo ao aniquilamento de suas identidades, legitimidades e possibilidades de usar também suas vozes, palavras, ideologias e saberes. A anulação de tais suportes desamparam o ser, deixando-o inconsciente no espaço público da vida da *pólis*. A alienação, portanto, predomina em solo arcaico, retirando do ser o status de *homo politicus*, destituído de liberdade e autonomia na *pólis*.

E a família, enquanto alegoria do ser social, do povo e também do cidadão comum, despersonaliza-se no programa sistematizador da vida política, tornando-se massa, mero autômato subserviente ao dono do poder. Tal intuição é posta no tecido do enredo da obra pelas figuras das irmãs de André, alocadas ao lado direito do pai à mesa, espaço de subserviência aos desmandos paternos, em constante regime de servidão:

Tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra dopai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular, era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças, essa a pedra que nos esfolava a cada instante, vinham daí as nossas surras e as nossas marcas no corpo (Nassar, 2005, p. 41).

Destaca-se que a morte e o sacrifício são temas que permeiam a narrativa do romance, tomando o pressuposto de que a morte do pai, e a subsequente desintegração da ordem familiar, simboliza a falência do poder soberano e a emergência de novas possibilidades de existência. Para Agamben (2018), por exemplo, o sacrifício é um ritual que reafirma o poder do soberano sobre a vida e a morte, mas também pode ser visto como um momento de potencial transformação. Na obra de Nassar, a morte do pai e a rebeldia de André sugerem um movimento de ruptura e renovação, onde os interditos e tabus do corpo são desafiados e reconfigurados, abrindo espaço para novas formas de vida e relações humanas.

Aqui, o controle da vida é também o controle do pensamento, da educação e da política. É opressivo às ações dos corpos, limitando estes ao mero trabalho cotidiano. E, na exclusão, torna-se evidente também a interdição. Por mais que se saiba que tal intento pode adentrar em uma esfera de conduta anarquista, ou mesmo niilista, a vida política em sociedade, sabe-se que o controle é marca característica do totalitarismo, como esboçado no enredo de *Lavoura Arcaica*, romance único de Raduan Nassar, autor que, à semelhança de seu personagem André, desarticulou os dispositivos autoritários plasmados na língua e na cultura do Brasil dos anos de chumbo da ditadura militar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A linguagem e a morte** - um seminário sobre o lugar da negatividade. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: EDUEMG, 2006.

AGAMBEN, G. **Estâncias** – a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, G. Forma-de-vida. **Meios sem fim** – notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p.13-22.

AGAMBEN, G. Glosas à margem dos Comentários sobre a sociedade do espetáculo. **Meios sem fim** – notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b. p.71-86.

AGAMBEN, G. O que é o ato de criação? **O fogo e o relato** – ensaios sobre a criação, escrita, arte e literatura. São Paulo: Boitempo, 2018. p.59-82.

FERREIRA, R. B. Os palimpsestos sagrados da Lavoura Arcaica. In: **Letras Raras**. Vol.6. Num. 1. 2017. p.227-240.

FERREIRA, R. B. O trágico, o ditirambo e a embriaguez dionisiaca em Lavoura Arcaica de Raduan Nassar. In: **Ces Revista**. Vol.23. Juiz de Fora: 2009. p.167-174.

106

FERREIRA, R. B. Tradição, Tabu e Ruptura do Sagrado em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar. In: **REVELLI** Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. v.4, n.1. 2012. p.159-175.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir nascimento da prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013.

FREUD, S. Dostoiévski e o Parricídio. **Obras Completas** – Volume 17: inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outras textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.337-362.

GIACOA JR., O. **Agamben por uma ética da vergonha e do resto**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIRANDA, W. M. Moderno, pós-moderno e a nova expressão narrativa brasileira. In: MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1996.

NASSAR, R. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASSAR, R. Entrevista: A conversa. **Cadernos de Literatura Brasileira: Raduan Nassar**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2001. p. 23- 39.

NEJAR, C. **História da Literatura Brasileira** – da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

NUNES, B. Reflexões sobre o moderno romance brasileiro. In: FILHO, D. P. **O livro do seminário** - Ensaios. São Paulo: L.R. Editores, 1983.

SANTURBANO, A; PETERLE, P. Apresentação - Pensamento e Poesia: ética e política. AGAMBEN, G. **O fogo e o relato** – ensaios sobre a criação, escrita, arte e literatura. São Paulo: Boitempo, 2018. p.07-26

SEDLMAYER, S. **Ao lado esquerdo do pai**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.